

APRESENTAÇÃO

Ana Alice Costa,
Ângela Freire,
Cecilia Sardenberg

Com este número, vencemos nosso primeiro ano de existência. Cada número ao ser finalizado é motivo de prazer e orgulho. Prazer pelas possibilidades de articulações políticas e acadêmicas que a revista vem consolidando. Orgulho pelo reconhecimento de que estamos no caminho certo ao encarar este desafio de manter a *Revista Feminismos* como um instrumento de divulgação da produção feminista.

De acordo com nossos propósitos, a Revista mantém o compromisso com a diversidade de ideias e perspectivas feministas, como também com a interdisciplinaridade. Os artigos que compõem este número convergem neste sentido e se articulam na diversidade temática e metodológica que caracteriza os estudos feministas, nas diferentes áreas de interesse das pesquisadoras. O conjunto de textos, em sua diversidade, mantém uma unidade na complementaridade das abordagens e na manutenção do foco no nosso objeto maior, o feminismo, que se configura, ao mesmo tempo, como nosso interesse intelectual e a nossa luta política.

O primeiro artigo deste número, de autoria de Maria de Lourdes N. Scheffler, parte da sua experiência de quase trinta anos de trabalho na área de planejamento e implementação de políticas sociais de combate à pobreza rural, enquanto técnica de um organismo governamental. Nesta trajetória, a autora incorporou a crítica feminista, o que lhe permitiu construir uma crítica destas políticas, observando a reapropriação de conceitos em formulações em torno das diferentes experiências de mulheres trabalhadoras rurais que sobrevivem da produção familiar e beneficiamento da mandioca, no interior da Bahia.

A autora aponta como um dos grandes motivos para o fracasso dessas políticas o fato de que elas “trazem uma perspectiva restrita, pontual, de menor abrangência, atendendo a demandas das mulheres, mas sem instaurar uma possibilidade de ruptura com as visões tradicionais do feminino”. São abordagens tradicionais que não contemplam a perspectiva de gênero e, embora possam até melhorar as condições econômicas das

mulheres, não são capazes de garantir seu empoderamento “entendido como a ampliação das liberdades e do poder político dessas mulheres”.

O artigo de Jussara Reis Prá analisa os estereótipos e ideologias de gênero entre a juventude brasileira, tomando por base empírica uma pesquisa realizada entre jovens de ambos os sexos, com idade de 15 a 29 anos, residentes em Porto Alegre. Volta-se para as categorias relacionadas à socialização de gênero, a exemplo de aspectos referentes à divisão de tarefas domésticas, ao cuidado de criança, sustento da casa, às tomadas de decisões, definições de prioridades – entre a família e a carreira profissional. A autora analisa o conceito de juventude a partir do seu protagonismo, reconhecendo os jovens como sujeitos de direitos, com necessidades, demandas particulares e potencialidades em relação a outros grupos etários, inseridos em um contexto hierárquico de gênero, evidenciando o impacto das relações de gênero no âmbito da socialização.

O artigo de Maria Antonia Miranda e Nancy Vieira se volta para uma análise dos discursos reflexivos sobre a história das mulheres e suas ausências, no sentido de resgatar e recriar as mulheres como sujeitos históricos. Para as autoras, a criação de uma história das mulheres implica em ver as ações desenvolvidas pelas mulheres no privado, mas também rever pressupostos teóricos, metodológicos, transformações e permanências na sua construção de sujeito. Na construção reflexiva da história das mulheres, a linguagem, os discursos, escritos, memórias, autobiografias e a própria literatura feminina têm um papel fundamental. Nesta perspectiva, as autoras se alinham a Jacques Lacan, que considera a linguagem um instrumento estruturador, construtor tanto da identidade como da subjetividade sexual com repercussões na história.

Helder Thiago Cordeiro Maia lança mão de uma diversidade de fontes documentais para construir seu artigo sobre a vida da freira-alferez Catalina de Erauso, que viveu no início do século XVII e assumiu, aos quinze anos, a identidade de Alonso de Guzmán. O autor faz uma análise comparativa entre as diversas biografias existentes, incluindo uma autobiografia publicada postumamente, em 1829, identificando como a questão da sexualidade de Alonso foi tratada. No sentido de criar um perfil de gênero, ou transgeneridade, o autor incluiu em seu universo de pesquisas pinturas e peças de teatro, na busca de visibilidade sobre Alonso Guzmán, cuja “sexualidade aparece apenas sugerida, mas nunca explicitada”.

O artigo “Maria Firmina dos Reis, vida e obra: uma contribuição para a escrita da história das mulheres e dos afrodescendentes no Brasil”, de Janaína Santos Correia, analisa a vida e obra da escritora maranhense nascida em 11 de outubro de 1825. Uma mulher nordestina, de origem negra, de família pobre, que rompe com todas as barreiras da sua época para escrever através de poemas, contos, novelas, sobre a opressão feminina, o domínio patriarcal, a escravidão do negro africano. Apesar da importância da sua produção literária, somente em 1975, com a publicação do livro *Maria Firmina dos Reis: fragmentos de uma vida*, de autoria de José Nascimento, é que Maria Firmina começa a ser conhecida como escritora. Eu seu artigo, Janaína Correia busca mostrar as características da escritura de Maria Firmina, a partir de uma análise detalhada de seus textos e compromissos políticos.

No nosso espaço livre das temáticas do Movimento Feminista, optamos neste número por trazer as discussões resultantes da Mesa sobre Estratégias de Enfrentamento à Violência Doméstica Contra Mulheres, uma das atividades do Seminário Poder e Empoderamento de Mulheres na América Latina, realizado pelo NEIM, em junho de 2006, como parte das atividades do Projeto Internacional *Pathways of Women’s Empowerment Research Programme Consortium* – conhecido no Brasil como Projeto Tempo – Trilhas do Empoderamento de Mulheres. Apesar do tempo transcorrido, consideramos tratar-se de discussões valiosas, merecedoras de registro e divulgação. A participação da saudosa Heleieth Saffioti, por si só, mereceria tal registro. Junto a ela, temos as contribuições de Sílvia de Aquino, Elisiane Pasini e Montserrat Sagot, além de colocações de outras participantes do evento.

Na sessão intitulada “Dossiê”, desta vez tivemos a colaboração de Alda Britto da Motta na organização e seleção de um conjunto de textos que buscam “lembrar que as mulheres vivem circunstâncias, ao mesmo tempo, pessoais/individuais e sociais segundo as suas idades”, nas palavras da organizadora. Um dossiê intitulado “As idades da mulher” onde cada fase etária da mulher é analisada e fundamentada em pesquisa e recortada pela própria transição entre as diversas idades. Alda Motta chama atenção “[...] que a idade é apenas uma medida de vida – de vivência e experiência no tempo – categoria não natural, construída e usada socialmente como se de certo modo o fosse”. Em seu texto introdutório

ao dossiê, a autora vai criando uma espécie de costura entre os diversos textos, interligando os caminhos e construindo pontes teóricas.

Considerando que em seu campo de estudo as “informações e enfoques específicos escasseiam ou se apresentam esgarçados”, Alda Motta decide apresentar, em uma sequência por ela definida como recurso metodológico, os textos que se referem às diferentes fases da vida das mulheres – Infância: as meninas, Juventude, Jovens Feministas, Mulheres e Maturidade e Velhice – não sem acrescentar o que ela chama de “um texto de temática ‘não-comportada’”, sobre a transição entre as idades. O resultado é um dossiê consistente, rico e didaticamente apresentado por Alda Motta cuja autoridade na temática é reconhecida internacionalmente.

Partindo da perspectiva de que a infância não é um projeto acabado e sim um processo constante de constituição e reconstituição e multiplicação, Anne Carolina Ramos, em seu artigo, discute em especial a “construção social da infância” como a idade da ausência da linguagem, da falta de razão, da fraqueza física, da carência moral, do inacabado, que são definidores na construção do sujeito.

Eliane Gonçalves, Fátima Regina Almeida de Freitas e Elismênnia Aparecida Oliveira, três feministas de gerações distintas que analisam o ser “jovem” no feminismo brasileiro contemporâneo, fazem o que as próprias autoras tão acertadamente nomeiam de “um experimento intergeracional”.

Elaine Müller analisa a idade da transição entre a juventude e a adultez, suas implicações no mundo moderno, com as novas dinâmicas do mundo do trabalho que exigem maior qualificação profissional, nas relações familiares e, neste contexto, a própria mudança vivenciada pelas mulheres. Segundo a autora, a “transição da juventude à adultez parece ganhar, assim, uma existência própria, quase se transforma ela mesma em uma idade, na medida em que os sentidos dados à juventude e à idade adulta não são mais tão unívocos”.

A maturidade da mulher é o tema do trabalho de Myriam Moraes Lins de Barros, resultante de uma pesquisa sobre a construção de identidade de gênero e geração realizada com mulheres de três gerações de famílias de camadas médias do Rio de Janeiro. A autora analisa como as mulheres constroem sua experiência de maturidade a partir das mudanças

nas relações de gênero e geração na família, no trabalho e nas relações sociais que vivenciam no seu cotidiano.

O artigo de Isolda Belo trata do envelhecimento das mulheres, buscando entender as condições vivenciadas pelas mulheres idosas. Fundamentada em uma pesquisa que envolveu 4.500 questionários aplicados com mulheres com idade superior aos sessenta anos, a autora traz importantes dados sobre quem são estas mulheres, sua condição de vida, como se relacionam com a violência, etc.

Na seção “Arte de Mulher”, apresentamos a artista plástica Carmem Penido, nascida em São Paulo e residente em Salvador desde a década de 1970. Carmem fala da sua trajetória, das suas fases artísticas, suas escolhas e, em especial, de sua ligação com a Bahia. Seus trabalhos, de reconhecido valor, já integraram importantes exposições no Brasil e em outros países. São de Carmem os mosaicos que ilustram nossa revista.

Esperamos que os artigos aqui apresentados possam contribuir para novas reflexões, análises e contribuições e convidamos nossas leitoras e leitores a participarem do diálogos e debates aqui iniciados, enviando-nos seus artigos, resenhas, propostas de dossiês e trabalhos de artistas para divulgação.